



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Circulação, pertencimento e identidade a partir da trajetória da DJ Tamy Reis

Autoria: Sthefanye Silva Paz (SEEDUC)

A partir da ideia da construção de identidades através da música e das linguagens corporais que são construídas pela juventude, me proponho a analisar a trajetória de Tamyres Reis, DJ de hip-hop nas principais festas black do Rio de Janeiro. A juventude que frequenta as festas onde Tamy é residente tem em comum a circulação pelo subúrbio carioca, onde geralmente essas festas ocorrem, e a construção de uma identidade negra pautada pela visualidade e estética de suas roupas, acessórios e cabelos. O consumo da moda black fica evidente nas redes sociais de divulgação das festas e dos seus principais representantes como os Dj's residentes e produtores. A trajetória da DJ reforçar assim a ideia de interseccionalidade, visto que se trata de uma mulher negra, do subúrbio carioca e de interculturalidade pois ela transita entre o mundo religioso e o mundo secular. Tamyres é declaradamente uma cristã protestante, circula entre espaços religiosos e não religiosos se colocando como mediadora cultural através da música. DJ Tamy desnaturaliza a ideia de que há uma forma única de vivenciar o cristianismo protestante, pois a mesma é construída no plural em uma vida urbana que é cercada de heterogeneidades, compreendo que os indivíduos participam de múltiplos pertencimentos que são simultâneos e que se inter-relacionam na construção de suas identidades e formas de representação do mundo social (VELHO, 1994). A mediação é importante para entender a atuação de DJ Tamy e o trânsito que é realizada de forma constante entre esses diferentes domínios culturais e simbólicos. Além disso, é também interesse do meu work analisar a sua construção estética pois compreendo que esse é um fator que reforça e evidencia seu trânsito cultural e simbólico e compõem sua identidade. Isso seria uma possibilidade, já que as trajetórias individuais não são lineares, assim como as escolhas dos indivíduos não são definitivas e o multipertencimento, relativização e adaptação dos discursos e das normas religiosas por parte de seus fiéis são possíveis em outros pertencimentos religiosos. Ainda neste artigo pretendo discutir, a partir da trajetória da DJ Tamy, a noção de work que é central para compreensão de sua circulação.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: